



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memórias da dor, narrativas de resistência: experiências de escolarização em Infância berlinense por volta de 1990

Caroline Machado Momm¹
Alexandre Fernandez Vaz²

Resumen:

Como convém ao trabalho da memória, as recordações de Walter Benjamin sobre sua infância, que compõem o pequeno livro de aforismos *Infância berlinense por volta de 1990*, nos oferecem imagens que desobedecem o fluxo linear do tempo. Essas narrativas são ao mesmo tempo aquelas do lar e dos espaços exteriores, do manuseio e do olhar, nos quais a criança experimenta o mundo em detalhes, mergulhando seus sentidos nos labirintos de móveis, despensa, quartos, cortinas, estátuas, fontes, anjos, ruas. Elas são, também, as que remetem às memórias de escolarização, testemunhas de que a escola não é um espaço isento de barbárie, assim como tampouco o é a educação. Trata-se da reelaboração de uma experiência infantil, entre a lembrança e o esquecimento, que coloca o narrador em um plano singular: resguardado em suas marcas, em sua experiência no cruzamento entre memória individual e história coletiva; enraizado, mas também confrontado com seu tempo. As memórias de escolarização rememoram um empobrecimento cujos contrapontos são a experiência mimética dos livros, do embaralhamento dos sentidos nos objetos, movimento que, melancólico, institui um outro fluxo do tempo e, portanto, uma nova narrativa.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC). Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil/UFSC.

² Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação, Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC); Pesquisador CNPq.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memórias da dor, narrativas de resistência: experiências de escolarização em Infância berlinense por volta de 1900³

1. INTRÓITO

Originário de *Crônica Berlinense*, trabalho que lhe encomendara uma publicação com a qual eventualmente colaborava, a *Literarische Welt*, *Infância berlinense por volta de 1900* é, dentre as obras de Walter Benjamin, uma daquelas em que o encontro entre memória e história social mais bem se coloca. O tema que estrutura a narrativa é a infância do próprio autor, um registro de experiências e impressões de uma criança sobre sua cidade natal, entre os estertores do século dezenove e seus ecos nos anos seguintes.

O breve texto em aforismos e pequenos relatos, montado e remontado várias vezes, com partes antes publicadas de forma fragmentária, reúne um volume muito grande de temáticas, movimento que corresponde à multiplicidade da experiência infantil e à vulnerabilidade da memória, processo de negociação subjetivo que se equilibra entre a lembrança e o esquecimento, nos interstícios do esforço de atualizar a presença de um profundo mergulho dos sentidos de uma criança nos espaços interiores e exteriores de uma casa e de uma cidade. Nos estudos de Benjamin sobre Paris (2006) prevalece o olhar a captar a densidade da experiência urbana, enquanto neste sobre Berlim se trata de uma mescla mais efetiva do tato e do olfato, da gustação e da audição.

O espaço – das ruas, dos parques, da escola, da casa e seus aposentos – parece ser mais importante que o tempo cronológico na operação mnemônica dos instigantes 41 aforismos⁴ que compõem a obra. Neles podemos observar que quase a terça parte se refere ao tema da escolarização, geralmente associada à experiências de sofrimento, à punição, à ausência de sentido observável pela criança, à restrição da capacidade imaginativa e mimética. Não há, como já observou Gagnebin (2009), idealização da infância como período que teria sido idílico ou livre de frustrações.

Para o presente trabalho, elegemos algumas narrativas que tratam, mais diretamente, da educação dos sentidos e da formação da subjetividade no ambiente

³ O presente texto é resultado parcial do programa de pesquisa *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II*, financiado pelo CNPq (Auxílios pesquisa, bolsas de produtividade em pesquisa, apoio técnico à pesquisa, doutorado, mestrado e iniciação científica) e apoiado pela CAPES (bolsa de doutorado).

⁴ Eles correspondem, segundo Chaves (2007), à versão definitiva da *Infância berlinense*.



escolar: *Chegando atrasado*, *Duas imagens enigmáticas*, *A biblioteca do colégio* e *A escrivainha*. Por apresentarem questões em comum, esses curtos textos podem ser lidos em bloco, apesar de aparecerem distantes uns dos outros na composição do livro.

A tentativa é de analisar esses fragmentos seguindo o próprio projeto do livro, o de uma memória social da experiência infantil materializada em uma cidade. Nesse quadro, a escola aparece como um dos seus espaços privilegiados, intermediário entre a casa e a rua, mas, diferentemente das *Passagens* (lugar dos adultos), demarcado como lugar das crianças, sua educação e suas vicissitudes.

É do tema do espaço a organizar o tempo em pedaços, assim como de uma forma das mais privilegiadas por Benjamin para dispor dos objetos em seu interior, a coleção, que trata o primeiro item. Logo após, personagens-chave da infância, os adultos, ganham protagonismo, em especial as mulheres, assunto também recorrente e da maior importância nos muitos dos outros textos sobre cidades escritos por Benjamin, como os sobre Moscou, Marselha, Paris e Capri. Por último, os livros são o objeto de análise nos aforismos, objetos de culto, como os brinquedos, profanados – no sentido proposto por Giorgio Agamben (2007) – a compor a experiência mimética da leitura e a potencializar a imaginação ao infinito no desprendimento do imediato.

2. SOBRE OS ESPAÇOS EM UM TEMPO FRAGMENTADO, COLEÇÕES

O espaço é um elemento que costura entre si os aforismos em análise, fazendo com que as experiências escavadas e narradas por Benjamin tenham contornos distintos conforme o ambiente em que acontecem. Merece igualmente destaque, no entanto, a relação com o tempo. Esse, na escola, é homogêneo e vazio (Benjamin, 1985); aquele que, em uníssono com a lógica linear do progresso, impele para frente, produzindo o isolamento do indivíduo e a ruptura com a tradição. A experiência infantil nos oferece, entretanto, a possibilidade de uma outra relação com a temporalidade: lenta e paciente, feita de paradas, saturada de *agoras*, como que para quebrar o encanto que separa história e memória da experiência do presente. Nesse sentido, a infância, enquanto *parada no tempo*, qualifica a experiência e possibilita a rememoração; permite ao *materialista histórico*, atento aos apelos do passado, retomar o que não se cumpriu:

Ela [a história universal] utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido (BENJAMIN, 1985, p. 231).

Parece não ser essa a experiência que vemos emergir das memórias escolares narradas por Benjamin no aforismo *Chegando atrasado*:

O relógio no pátio da escola parecia ter sido danificado por minha culpa. Indicava “atrasado”. No corredor penetravam murmúrios de consultas secretas vindos das salas de aula que eu roçava ao passar. Atrás delas, professores e alunos eram camaradas. Ou então, tudo permanecia em silêncio, como se alguém fosse aguardado. Inaudivelmente apalpei a maçaneta. O sol inundava o lugar onde eu me achava. Foi assim que violei meu dia que mal começara, e entrei. Ninguém parecia me conhecer. Tal como o diabo se apoderara da sombra de Peter Schmemihl, também o professor retivera meu nome desde o início da lição. Não deveria mais ser chamado. Quietamente, ocupei-me até o toque da sineta. Mas foi tudo em vão (BENJAMIN, 2000, p. 83-84).

Nesse fragmento, a experiência da temporalidade faz encontrar suas faces objetiva e subjetiva no cruzamento entre memória e história, ao mesmo tempo em que se revela como condicionada, no ambiente escolar, pelo ritmo do tempo homogêneo e vazio: aquela que dirige o olhar apenas para o futuro e faz, desse modo, do passado algo estéril e, do presente, mera circunstância. O relógio danificado não indica, portanto, uma paralisação revolucionária do tempo tal como se lê nas teses *Sobre o conceito da história* (Benjamin, 1985), mas uma paralisação que acusa uma “inadequação” que precisa ser “corrigida”. Dela ninguém escapa na escola, como torna notório Benjamin ao revelar que nas salas de aula “professores e alunos eram camaradas” (2000, p. 84).

A inobservação da máxima, outrora revelada ao menino em versos, de que “O trabalho é a glória do cidadão, / A prosperidade, o prêmio pelo esforço” (Benjamin, 2000, p. 75) parece ser retomada pelo Benjamin adulto, quando em sua lembrança ele



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

parece a si mesmo estranho, inadequado, invisível aos olhos dos colegas e, sobretudo, do professor, ao tentar se subtrair à rotina escolar. Uma procura, no entanto, malograda exatamente pelos dispositivos escolares de controle e de constrangimento:

Quando lá [na escola] chegava, porém, no contato com meu banco, toda aquela fadiga, que parecia ter se dissipado, voltava decuplicada. E com ela o desejo de dormir até dizer basta. Devo tê-lo experimentado milhares de vezes, e, mais tarde, de fato, ele se concretizou. Custou-me, porém, muito tempo para nisto reconhecer que fora sempre vã a esperança que eu nutrira de ter colocação e sustento garantidos (Ibid., p. 85).

Seu silêncio também pode ser interpretado, para além da restrição imposta pelo professor, aquele que se apodera da sua voz, como expressão daquilo que anima o corpo (alma), como a manifestação de seu desejo de não tomar parte, não compactuar com o que o rodeava.

Em *Duas imagens enigmáticas*, o aforismo que visitaremos a seguir, reaparecem figuras da escolarização: colegas e professores.

Entre os postais de minha coleção, havia alguns cujo texto escrito no verso se fixou mais nitidamente à minha memória que a própria imagem. Traziam uma assinatura bela e legível: Helena Pufahl. Era o nome de minha professora. O P com que começava era o P de pontualidade, de primor, de pundonor; o F indicava fidelidade, fervor, fortaleza, e, quanto ao L final, parecia ser o L de leveza, de louvor, de lirismo. Portanto, se aquela assinatura consistisse apenas de consoantes, como numa língua semita, teria sido não só a sede da perfeição caligráfica, mas também a fonte de todas as virtudes (Ibid., p. 92).

A professora, uma figura feminina da escolarização; mais uma figura feminina. Vale ressaltar o quanto elas (mãe, babá, tia, avó, governanta, prostitutas) são reentrantes na memória de Benjamin e, geralmente, associadas ao cuidado, à proteção, ao afeto, à ternura, mas também, ao erotismo, à sexualidade, à perda, à sedução, ao encantamento, à paixão. Para desfrutar da companhia de sua professora, valia a pena submeter-se à monotonia das aulas (que talvez, justamente pela presença da senhorita Pufahl, se tornassem até animadoras, excitantes, quem sabe?).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Não podemos deixar de assinalar também que o que desencadeia essa doce lembrança no colecionador de reminiscências é algo material: a letra, a palavra, a caligrafia. Em contexto semelhante, também agradáveis recordações na experiência com a palavra, desta vez, relacionadas à avó materna, são retomadas:

Madonna di Campiglio e Brindisi, Westerland e Atenas, donde quer que enviase postais – em todos pairava o ar da Blumeshof [onde se localizava sua moradia]. E a caligrafia grande e airosa, que remoinhava na parte inferior ou anuviava a parte superior dos cartões, os mostrava tão povoados por minha avó que era como se houvessem transformado em colônias da Blumeshof (Ibid., p. 95).

Figura aqui o Benjamin colecionador: não só de brinquedos e livros, mas, de materiais das mais diversas espécies, tamanhos, cores, texturas, densidades, espessuras. Também um grande colecionador de imagens que lhe são proporcionadas pela experiência com esses materiais, pelos lugares que costumava freqüentar, pelas pessoas com quem se relacionava. Imagens despertadas pelos sentidos: por sons, por cheiros, por palavras. Imagens que, como objetos de coleção, podem ser *reordenadas* por uma lógica que não se resume à cronologia.

Para com essas imagens, que também testemunham (marcam) sua existência, Benjamin mantinha uma atitude de colecionador; cultivava “uma relação muito misteriosa com a propriedade (...) uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino” (Benjamin, 2000, p. 228). Guardar e retomar suas imagens faz com que mantenham uma relação viva com elas: “não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas.” (Ibid., p. 235).

O colecionador, por meio do encontro e da ampliação de sua coleção, pretende renovar um mundo antigo. Referindo-se a Benjamin, Gagnebin (1992) conjetura a possibilidade de que seu fascínio pela atividade de colecionar possa tê-lo inspirado a desenvolver a tese de que a atividade crítica e salvadora do pensamento não se dá tanto pelos vãos amplos e totalizantes da razão, mas, muito mais na atenção concentrada no detalhe (à primeira vista sem importância), no estranho, no desviante, no extremo.

3. ADULTOS E SEUS ENIGMAS

As imagens-recordações de *Infância berlinense*, como já dissemos, nem sempre são agradáveis, apaziguadoras. As que nos referimos a seguir, para retomar nossas



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

análises do aforismo *Duas imagens enigmáticas*, surgem do encontro entre morte, dor e escolarização:

Meninos e meninas das melhores casas burguesas do bairro Oeste estudavam com a senhorita Pufahl. Não se dava muita importância a dados particulares, tanto que uma aristocrata pôde também se perder naquele círculo de burgueses. Chamava-se Luísa von Landau, e aquele nome logo me capturou com seu encanto. Até hoje esse nome permanece vivo para mim, mas por outro motivo. Na verdade, foi o primeiro, entre os nomes dos que tinham minha idade, no qual ouvi cair o assento da morte (Benjamin, 2000, p. 92).

Pouquíssimas são as referências a colegas de classe⁵. As figuras de outras crianças são raras na narrativa benjaminiana. Mesmo sua irmã, Dora, é citada apenas duas vezes⁶. No aforismo do qual tratamos, a colega de classe é referida em conjunção com o tema da morte. O tema, aliás, que como foi dito, é recorrente nas memórias do autor, seja em associação ao sexo (Chaves, 1999) ou ainda porque sua iminência aproxima as gerações, como podemos observar em *A febre*:

Foi graças a essas histórias que veio à luz o pouco que vim a saber de meus ancestrais. A carreira de um parente antepassado, as regras de conduta de meu avô, me eram evocadas pelos outros como se quissem assim me fazer compreender quão irrefletido seria de minha parte renunciar, por meio de uma morte prematura, aos grandes triunfos que eu tinha na mão graças às minhas origens (Benjamin, 2000, p. 109).

No aforismo a seguir reaparece a convalescença como momento de encontro com as origens. Novamente essa experiência no limiar entre vida e morte faz surgir o encontro/confronto geracional. A narrativa, nesse sentido, ao iluminar e trazer à consciência as experiências infantis pelo trabalho da memória empreendido pelo Benjamin adulto, *cura*. Recontar é recompor e compreender também a história individual no cruzamento com a história coletiva.

⁵ São rapidamente mencionados em outros dois aforismos: em *O telefone* e em *Loggias*, como cúmplices no gosto pela leitura.

⁶ Em *A lua*: “Só minha irmã estava ausente. – Onde esta Dora? – ouvi minha mãe dizer” (p. 140). E, indiretamente em *A caixa de costura*: “nossa mãe também se sentava à janela com a caixa de costura (...) ficávamos, nós também, horas seguindo com o olhar a agulha, da qual pendia indolente um grosso fio de lã” (p. 127-129).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A criança está doente. A mãe a leva para a cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? (...) Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar ditoso do esquecimento. É o carinho que delineia um leito para essa corrente (Ibid., p. 269).

As histórias que ouvia em seu leito de convalescença permitiam um reavivamento, uma retomada da tradição e, então, um duplo sentimento: de conforto e resignação em relação ao futuro conjeturado/prometido. A morte verdadeiramente exerce um fascínio:

A cidade tornava a prometê-los [acidentes e crimes] a mim a cada novo dia e a noite ficava a devê-los. Se ocorriam, logo desapareciam, assim que eu chegasse ao local, do mesmo modo como os deuses, que só dispõem de instantes para os mortais. (...) Por toda a parte circulava a Desgraça. A cidade e eu tínhamos lhe preparado um leito macio, mas em lugar algum se deixava ver (Ibid., p. 130).

Misturam-se, na fantasia do menino, fascínio e pavor provocados pelo misterioso, pelo inesperado, desconhecido, pelo sombrio, por aquilo que espreita, mas não se pode ver. No entanto, a proximidade imediata e real da morte assusta o adulto: “E é estranho que, agora, quando, por fim, a desgraça e o crime se tornaram acessíveis, essa experiência arruinasse tudo a sua volta, até mesmo o limiar entre sonho e a realidade.” (Ibid., p. 131). Seu assombro diz respeito, notadamente, a todo o horror e barbárie que vê se levantar, sorratamente, sob o comando do regime fascista, que em suas memórias da infância já aparece, de certo modo, esboçado:

O senhor Knoche tomou o lugar da senhorita Pufahl. A essa altura, eu já freqüentava a escola. Tudo que sucedia na sala de aula, de modo geral, me repugnava. Contudo, não é por uma de suas punições que o senhor Knoche me vem à lembrança, mas sim pelo ofício de vidente,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

que prevê o futuro, e que não lhe caía mal. Tínhamos uma aula de canto. Ensaiávamos a Canção dos Cavaleiros de “Wallenstein”: “Avante, camaradas, aos cavalos, aos cavalos!/ Para o campo, empós a liberdade!/ É lutando que o homem ainda tem valor,/ É aí que se avalia o coração”. O senhor Knoche quis saber da classe o significado do último verso. Obviamente ninguém soube responder. Mas nossa ignorância não lhe pareceu tão ruim, e explicou: - Isso vocês vão saber quando crescerem. Naquela época, a margem da idade adulta me pareceu separada da minha por um leito de rio de muitos anos, do mesmo modo que aquela margem do canal, onde se via o canteiro de flores e onde, nos passeios com a babá, nunca me fora permitido chegar. Mais tarde, quando ninguém mais determinava meus trajetos e quando eu também já entendia a Canção dos Cavaleiros, cheguei várias vezes próximo daquele canteiro no Landwehrkanal. Mas, então, parecia florir mais raramente. E do nome que outrora havíamos memorizado não sabia mais que o que o verso da Canção dos Cavaleiros, agora que eu a compreendia, continha do significado que o senhor Knoche nos havia prognosticado na aula de canto. A tumba vazia e o coração disposto – dois enigmas de cuja solução a vida há de continuar a me ser devedora. (Ibid., p. 93).

Para além de todo desconforto infringido pela escolarização e pela repulsa que ela provoca, a criança é impelida, ainda que pela ausência/obscuridade de sentido, à dureza da vida adulta – antecipada na fala do mestre. A sentença é similar à “grande experiência” tal qual se lê no texto de 1913: “A máscara do adulto chama-se experiência. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre-igual.” (BENJAMIN, 1984, p. 23). Na presentificação do passado, o menino que já podia escolher seu caminho percebe que as palavras do senhor Knoche indicam a dificuldade futura de alcançar o desejado, que ora lhe acenava ao longe, lhe “parecia florir mais raramente”; ora era substituído pela incerteza que perdura em relação à morte (tumba vazia) e ao amor (coração disposto). O insucesso no amor, anunciado nas figuras da colega e da professora, Benjamin vê se confirmar no seu presente: “de amores conquistados e perdidos (com Dora, a esposa), de amores sublimados e nunca realizados (com Julia Cohn), de amores nunca conquistados e desde sempre perdidos (com Asja Lacis).” (Chaves, 1999, p. 145).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Não somente o tempo marca a distância entre a infância e a vida adulta, mas o modo como cada um, criança e adulto, se relaciona com os objetos, os lugares, os outros, ou, em termos distintos, o tipo de experiência que realizam. A experiência infantil se mostra errante, incerta, imprecisa, cheia de confusões e mal-entendidos:

Os mal-entendidos modificavam o mundo para mim. De modo bom, porém. Mostravam-me o caminho que conduzia ao seu âmago. Qualquer pretexto lhes convinha. (...) Mesmo tendo desse modo deturpado a mim e às palavras, não fiz senão o que devia para tomar pé na vida. A tempo aprendi a me mascarar nas palavras, que, de fato, eram como nuvens. O dom de reconhecer semelhanças não é mais que um fraco resquício da velha coação de ser e se comportar semelhantemente. Exercia-se em mim por meio de palavras. Não aquelas que faziam semelhante a modelos de civilidade, mas sim às casas, aos móveis, às roupas. Só que nunca à minha própria imagem. E por isso ficava desorientado, quando exigiam de mim semelhança a mim mesmo. (Benjamin, 2000, p. 98-99).

O “mundo deturpado da infância” marca-a como tempo da indefinição, indeterminação. Mas, também aponta para uma possibilidade de relação outra, de mistura, de reconhecimento e representação de semelhanças (a capacidade mimética). Esse *não-ser*, da criança que se observa desfigurada pela semelhança com tudo que se encontra a sua volta, guarda as possibilidades de uma proximidade não endurecida com aquilo que se apresenta como *outro*. Essa indeterminação/desorientação, se apresenta como condição para a formação de um sujeito que se equilibra entre a identidade em relação a si e ao outro, entre um encontrar-se e um perder-se em meio aos movimentos de identificação e diferenciação. Por isso a capacidade mimética, e também a explicação mágica, têm seu lugar na experiência infantil, são expressões dela. A experiência mágica consiste como que num ensaio para o desencantamento pela ciência, como se lê no aforismo *Esconderijos*⁷.

Conhecia todos os escondrijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo sempre do mesmo jeito. Meu coração disparava, eu retinha respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantásticamente nítido, que se aproximava calado. Só assim é que deve perceber o que

⁷

Gagnebin (2001) faz uma interpretação atenta e detalhada desse fragmento.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. A criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada num ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se a tivesse vestido com disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente. Por nada nesse mundo podia ser descoberta. Se faz caretas, lhe dizem que é só o relógio bater e seu rosto vai ficar deformado daquele jeito. O que havia de verdadeiro nisso pude vivenciar em meus esconderijos. Quem me descobrisse era capaz de me fazer petrificar como um ídolo debaixo da mesa, de me urdir para sempre às cortinas como um fantasma, de me encantar por toda a vida como uma pesada porta. Por isso expulsava com um grito forte o demônio que assim me transformava, quando me agarrava aquele que estava me procurando. Na verdade, não esperava sequer esse momento e vinha ao encontro dele com um grito de autolibertação. Era assim que não me cansava da luta com o demônio. Com isso, a casa era um arsenal de máscaras. Uma vez ao ano, porém, em lugares secretos, em suas órbitas vazias, em suas bocas hirtas, havia presentes; a experiência mágica virava ciência. Como se fosse seu engenheiro, eu desencantava aquela casa sombria à procura de ovos de Páscoa. (Benjamin, 2000, p. 91).

4. LIVROS

O livro, com o qual o menino desenvolve uma experiência mágica, se apresenta como uma das possíveis alternativas de resistência frente à monotonia das aulas, tal qual observaremos nos dois aforismos selecionados, em paridade, a seguir: *A biblioteca do colégio* e *A escrivanhinha*. Vejamos um fragmento do primeiro, no qual Benjamin descreve o espaço que reconhecia como seu território:

Era no intervalo de aula que a coisa era feita: juntavam-se os livros que, em seguida, eram de novo repartidos entre os pretendentes. Nem sempre conseguia ser bastante ágil. Muitas vezes vi livros por mim almejados acabarem nas mãos de quem não saberia apreciá-los. Quanta diferença entre seu mundo e o dos compêndios escolares, onde, em histórias isoladas, tinha de me aquartelar durante dias e



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

mesmo semanas em quartéis que, no portão de entrada, ainda antes da inscrição, exibiam um número. Pior eram as casamatas dos poetas pátrios, onde cada verso equivalia a uma cela. Quão suave e mediterrâneo era o ar tépido que soprava daqueles livros distribuídos no intervalo! (Benjamin, 2000, p. 115).

Os livros figuram, desse modo, em contraposição às histórias dispersas, às informações isoladas contidas nos compêndios escolares. Apresentam-se como possibilidade de resistência a esses, pois, brinquedos que são, aparecem como uma outra forma de experimentar o mundo. A criança que experimenta sensorialmente o livro, misturando-se, diluindo-se nele, exercita sua capacidade mimética. Imprime suas marcas, mas, ao mesmo tempo, deixa-se contaminar pela experiência da leitura, que liberta. Perde-se para, em seguida, pelo reencontro consigo mesma, retornar outra. Não só aquele que lê é renovado pelas histórias no livro contidas, mas também o mundo e a compreensão acerca dele, que pode ser alterada em cada novo contato. Sempre que o “era uma vez” é pronunciado, entramos em contato com um mundo novo, desconhecido, inexplorado, distante. Ou reencontramos aqueles doces *paraísos* que não nos cansamos de visitar, mas nos quais, a cada nova jornada empreendida, surpresas nos aguardam. No fragmento a seguir, Benjamin mostra que a experiência da leitura o aproximava do proibido, do velado.

Quanto menos nós, filhos de comerciantes e de conselheiros titulares, pudéssemos nos imaginar entre toda aquela linhagem de servos e senhores, tanto mais facilmente penetrava em nossas casas esse mundo magnânimo, rigidamente posto entre bitolas. (...) Porém, num caso, a fusão desses dois mundos teve pleno êxito. Foi na ilustração de um livro cujo título de modo algum se casava com o conteúdo. Só se gravara em mim uma oleografia a qual eu nunca tornava a ver com menos horror. Fugia dessa imagem e, ao mesmo tempo, a buscava; o mesmo me aconteceu mais tarde com uma figura no Robinson Crusó que mostra Sexta-Feira no lugar em que, pela primeira vez, deparou pegadas estranhas e, não longe dali, caveiras e esqueletos. Porém, quão mais lúgubre era o horror que emanava daquela mulher vestida em trajes de dormir e que, de olhos abertos, mas adormecida, passava, iluminada por um candelabro, ao longo de uma galeria. A mulher era cleptomaníaca (...) esta palavra me petrificava de pavor. (Ibid., p. 115-116).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Novamente uma referência ao tema da morte como algo apavorante, porque remete ao desconhecido, à finitude. Outra questão novamente presente e que merece destaque é a aproximação de dois mundos pela retomada da história que é deixada pelo caminho. Contudo, nesse fragmento, trata-se do contato do menino com um universo o qual os adultos burgueses que o cercam pretendem esquecer. O trabalho, as relações com as classes subalternas que, na maioria das vezes, procuram tornar distante, velado.

Benjamin mostra que o contato com esse mundo se dava em brechas: nos passeios com a babá quando a mãe não podia acompanhá-lo; nas esmolas distribuídas durante o Natal; nas tardes de inverno que lhe revelavam as figuras dos mendigos e das prostitutas; “no sacudir dos tapetes, que era a língua da camada mais humilde, dos *verdadeiros adultos*, língua que nunca se interrompia.” (Ibid., p. 111, grifo nosso).

Os livros são pontes que revelam não apenas a existência de um outro que o manuseou anteriormente, mas também a possibilidade do encontro com esse *outro* e, por essa via, consigo mesmo:

Em suas folhas estavam grudadas marcas dos dedos que as haviam manuseado. O cordel que fechava a cabeçada e que se salientava em cima e embaixo estava sujo. (...) Contudo, em suas folhas se penduravam, às vezes, tal como nas copas das árvores no verão de São Martinho, fios débeis de uma trama na qual outrora, ao aprender a ler, eu me enredara. (...) Eis que agora chegara o momento de acompanhar no torvelinho das letras as histórias que à janela me haviam escapado. Os países longínquos que nelas encontrava brincavam entre si tão intimamente quanto os flocos de neve. E porque o Distante, quando neva, já não nos conduz ao Desconhecido, mas sim a nosso íntimo, achavam-se entre de mim a Babilônia e Bagdá, Acra e o Alasca, Tromsø e o Transvaal. (Ibid., p. 113).

Além do contato com mundos distantes, com o proibido e com o íntimo, a experiência da leitura permitia subtrair-se ao poder do professor. Pela fantasia, a criança se liberta e se vinga:

Pois finalmente chegava o momento em que, na mesma sala, até há pouco palco de minha humilhação, eu me revestia daquela plenitude de poder que cabe a Fausto. Lhe aparece o demônio. O que era, afinal, o professor que agora deixava seu estrado para vir recolher os livros e redistribuí-los, senão um demônio menor que devia renunciar a seu



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

poder maléfico e pôr sua arte a serviço de meus desejos? E como malograva cada uma de suas tentativas de conduzir minha escolha com uma indicação! E que enorme frustração em seu ofício de pobre diabo, quando já há muito tempo eu me encontrava num tapete mágico a caminho da tenda do último dos moicanos ou do acampamento de Konradin Von Staufen. (Benjamin, 2000, p. 116).

Reaparece a figura do professor análoga à do diabo como no primeiro aforismo analisado, *Chegando atrasado*. Contudo, se naquele o primeiro obtinha sucesso em seu ofício demoníaco, como dissemos, ao apoderar-se da voz, daquilo que anima o corpo e a alma, aqui tem sua ardilosa tentativa de persuasão fracassada. Afinal, o professor pode restringir o corpo na rotina interminável e massacrante da aula, mas não será a paz de roubar a liberdade da fantasia, do ritmo de leitura e das infinitas viagens (e imagens) do pensamento.

Em outra passagem, em *A escrivainha*, Benjamin mostra o quanto esses materiais, livros e cadernos, sobretudo, ganham outra conotação no espaço doméstico:

Era com prazer que revia velhos cadernos, dotados agora de um valor especial, que era o de eu tê-los resgatado do domínio do professor, que teria direito sobre eles. Agora deixava o olhar recair sobre as correções ali registradas em tinta vermelha, e um prazer sereno me tomava. Pois, assim como os nomes dos mortos gravados nas sepulturas já não podem ser úteis ou prejudiciais, ali estavam notas que haviam entregado todo seu poder a outras mais antigas. Com outro espírito e com a consciência mais tranqüila eu podia perder horas na escrivainha tratando dos cadernos e dos livros escolares (Ibid., p. 119-120).

Ali, longe dos olhos do mestre, o menino tem ainda mais liberdade para gozar desses objetos tornados seus. É na escrivainha, num móvel, que um mundo inteiro se revela. O armário, que guarda não apenas os livros escolares, mas os objetos de coleção, se apresenta como um lugar propício para a brincadeira, a fantasia.

Essa escrivainha junto à janela logo se tornou meu recanto favorito. O pequeno armário oculto sob o assento continha não só os livros de que eu precisava na escola, mas também o álbum de selos e os outros três ocupados pelos cartões-postais. E no gancho firme da lateral da escrivainha ficavam pendurados, ao lado da merendeira, não só minha pasta, mas também o sabre do uniforme de hussardo e o



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

tambor de herborista. Frequentemente, ao voltar da escola, a primeira coisa que eu fazia era festejar meu reencontro com a escrivaninha, ao mesmo tempo em que já a transformava no palco de uma de minhas ocupações prediletas – a decalcomania, por exemplo. Num instante, no lugar antes tomado pelo tinteiro, surgia uma xícara de água morna, e eu começava a recortar as figuras. Quanto me prometia o véu atrás do qual me fitavam das folhas dobradas e dos cadernos! (...) era como se irrompesse sobre a turva manhã de um mundo descolorido o sol radiante de setembro, e todas as coisas, ainda umedecidas pelo orvalho que as refrescava no crepúsculo, ardessem agora com a chegada de um novo dia da Criação. Embora, afinal, eu me fartasse também daquele passatempo, era assim que sempre encontrava um pretexto de adiar os deveres de casa. (Ibid., p. 119).

É nesse pequeno recanto que a brincadeira como representação do mundo se revela em oposição aos deveres escolares. Ali o menino se dedica não somente a uma outra forma de experiência com o mundo, mas de sua renovação. Pela coleção, pela “criação”, o pequeno faz irromper o novo. Era nesse espaço, protegido em seu território, que os “instrumentos de tortura” perdiam sua força.

Assim, aquela escrivaninha guardava, sem dúvida, certa semelhança ao banco escolar, mas sua vantagem era que nela eu ficava protegido e dispunha de espaço para esconder coisas de que ele não deveria saber. A escrivaninha e eu éramos solidários frente a ele. E mal me havia recuperado após um aborrecido dia de aula, ela já me cedia novo vigor. Eu podia me sentir não só em casa, mas também numa cela como a daqueles clérigos que se vêem nas iluminuras medievais, ora em seu genuflexório, ora em sua mesa de trabalho, como se estivessem dentro de uma couraça. (...) Nada mais reconfortante do que permanecer assim cercado por todos os instrumentos de minha tortura – vocabulários, compassos, dicionários – num lugar onde de nada valiam suas reivindicações. (Ibid., p. 120).

Essas imagens, esses fragmentos, nos revelam, pela narrativa que rememora a experiência infantil, as chances de uma outra relação com as coisas: a possibilidade de entrega, diluição, mas também de subversão, resistência.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A experiência mimética com o mundo, observada dentre outros/as na leitura, pelas folhas que se mostram como labirintos no interior dos quais o *perder-se* é preceito para o *encontrar-se*, revela a heteronomia como condição para a autonomia. Esse tipo de experiência, a escola, em sua rigidez, não permite. Rigidez do adulto e que a atenção infantil afronta. Pela fantasia, pelo olhar que se dirige ao oculto, ao esquecido. Mirada que se dirige aos restos, ao lixo, à desordem, às sobras, ao sombrio, ao refugio que encontra nas escadas, nos cantos, no avesso, nos sítios abandonados, nos becos sem saída, nas entradas de jardim, nas caixas de costura. Esses lugares esquecidos, onde ninguém jamais se detém, são os cantos proféticos que trazem em si as feições do passado, “onde parece ser coisa do passado tudo que nos espera.” (Ibid., p. 94).

Das imagens oferecidas pelas memórias do espaço escolar, as considerações de Benjamin nos fazem ver o quanto esses são espaços incertos. Em seus escritos observamos o quanto o ambiente escolar, geralmente apresenta-se associado à dor, à punição, à ausência de sentido, à restrição da capacidade imaginativa e mimética.

Diferentemente de suas memórias no âmbito privado, que parecem configurar a infância como um refúgio, um lugar de certa liberdade para conhecer, onde as fronteiras entre o sujeito e os objetos parecem ser mais tênues, maleáveis e dentro do qual a relação entre eles extrapola regras ou limites, a escola não foge à rigidez que o processo civilizador impõe. Isso se torna, como vimos no decorrer do texto, manifesto, sobretudo, na relação com a temporalidade. Não por outro motivo, a experiência do espaço com ela rivaliza, não mais a compor uma trama de linearidade cronológica, mas a retê-la em suas malhas. Esse processo se materializa como reconhecimento, como mescla autônoma de um sujeito que, nos ardis da infância, se encontra nos territórios que domina e pelos quais se deixa nomear, sejam eles suscetíveis aos sentidos ou, não menos importantes, imaginários.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio. Profanações (2005), trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. 95p.

Benjamin, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984. 117p. Texto traduzido por Marcus Vinícius Mazzari.

_____. Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 253p. Texto traduzido por Sérgio Paulo Rouanet.

_____. Obras escolhidas II: Rua de mão única. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. 277p. Texto traduzido por Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa.

_____. Passagens (1982), trad. Willie Bolle e colaboradores. Belo Horizonte/São Paulo: EDUFMG/Imprensa Oficial, 2006.

Chaves, Ernani. “Sexo e Morte na Infância Berlinense, de Walter Benjamin”. En: Seligmann-Silva, Márcio, Leituras de Walter Benjamin. São Paulo: Annablume, 1999, p. 127-146.

Gagnebin, Jeanne-Marie. “Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano? História e cotidiano em Walter Benjamin”. Dossiê Walter Benjamin, n. 15, p. 44-47, set-nov/1992. (Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/n15/fsumario15.html>). Acesso em 23/04/2005.

_____. “Mímesis e crítica da representação em Walter Benjamin”. En: Duarte, R.; Figueiredo, V. (Comp.), Mímesis e expressão. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001, p. 353-363.

_____. “Leitura da infância, infância da leitura”. En: Pucci, Bruno; Almeida, Jorge de; Lastória, Luiz Antônio Calmon Nabuco (Comp.), Experiência formativa & emancipação. São Paulo: Nankin, 2009, p. 219-225.